

A ICONICIDADE NOS TEXTOS-MURAIIS DO PROFETA GENTILEZA

José Marcos Barros Devillart (UFF)
prof_jm@hotmail.com

RESUMO

Neste trabalho, testamos o princípio da iconicidade nos textos-murais de José Datrino, a fim de identificar aspectos pragmáticos e cognitivos que motivaram a construção do discurso do profeta.

Palavras-chave: Iconicidade. Funcionalismo. Cognitivismo.

1. *O profeta Gentileza*

Em 1937, José Datrino abandonou o interior paulista em busca de melhores oportunidades. Na cidade do Rio de Janeiro, casou-se, teve filhos e uma pequena transportadora.

Comovido com a desgraça do dia 17 de dezembro de 1961, quando o *Gran Circus Norte-Americano*, localizado em Niterói, pegou fogo e cerca de 400 pessoas morreram de forma desastrosa, José Datrino, por indicação divina, mudou seu nome para José Agradecido (o “agraciado por Deus”).

Na verdade ele não perdeu nenhum familiar no incêndio. Essa lenda acompanha a figura de Gentileza até hoje. O profeta dizia ter ouvido vozes que o mandaram abandonar tudo e seguir para o local do incêndio no intuito de confortar os que sofriam com o desastre.

Estabeleceu-se no local da tragédia com um de seus caminhões, que se tornou a sua casa. Transformou a região em um grande jardim.

O mundo era o circo queimado, que deveria ser “reflorestado” de boas intensões. Suas flores representavam esta vida no novo mundo que nascia.

O profeta Gentileza deixou para as futuras gerações seus ensinamentos escritos nas pilastras do Viaduto do Caju, na cidade do Rio de Janeiro, fruto de seus 35 aos de pregação.

Ele foi uma personagem do fim do século, quando toda a mística com relação a esse evento pairava sobre a sociedade. O suposto final do

mundo no ano 2000 instigava os noticiários e os comentários pelas ruas. Parece que Gentileza personificou a acusação deste mundo em chamas, que seria destruído como o circo.

Disse ele: “a derrota de um circo queimado é um mundo representado, porque o mundo é redondo e o circo arredondado” (GUELMAN, 2000, p. 45).

2. *Linguística funcional centrada no uso (LFCU)*

O funcionalismo é uma corrente de estudos linguísticos que concebe a língua como instrumento de comunicação e interação social. As pesquisas funcionalistas procuram explicar regularidades no uso da língua, sempre levando em consideração as condições pragmático-discursivas às quais os falantes estão submetidos.

Opondo-se às correntes formalistas, o funcionalismo não admite a autonomia da língua por considerar que ela é moldada pelo uso e para o uso. Sendo assim, a língua desempenha funções externas ao sistema linguístico e as funções externas influenciam a organização do sistema.

A língua reflete as adaptações dos falantes às necessidades expressivas geradas por pressões contextuais.

Por trabalhar com a análise de dados colhidos em situações reais de interação, fazem parte dos estudos funcionalistas fatores como gênero textual, sequência tipológica, perfil dos interlocutores, nível de habilidade com a língua, época, local, modalidade, registro, entre outros (OLIVEIRA & VOTRE, 2012, p. 105). Os enunciados estão estreitamente relacionados às funções que desempenham.

A linguística funcional ampliou seu campo de estudos ao se aliar ao cognitivismo, dando origem à linguística funcional centrada no uso (LFCU).

Numa abordagem construcional, fatores de ordem cognitiva e social interferem para a formulação da estrutura gramatical e da organização do discurso dos usuários.

Para nós, as línguas são em parte icônicas e por isso há pareamento entre forma e função. Este pareamento deve estar relacionado ao propósito pragmático-discursivo dos usuários.

Pressupomos que há uma organização dos enunciados (avaliada por diversos ângulos, como informacional, pragmático e interacional) e o pareamento poderá ser observável na estrutura morfossintática. Essas suposições negarão a hipótese de “caos” que é atribuído aos textos de Gentileza.

Entendemos discurso como função-discursiva, ou seja, “passa a se referir às estratégias criativas dos usuários na organização de sua produção linguística, aos modos individuais com que cada membro da comunidade linguística elabora suas formas de expressão verbal”. (OLIVEIRA & VOTRE, 2012, p. 158)

Temos em vista a perspectiva acerca da relação entre discurso e gramática abordada por Oliveira e Votre (2009; 2012), o princípio da iconicidade (GIVÓN, 1984) e por considerações acerca de construções em Traugott e Dasher (2005), Traugott (2012) e Bybee (2010), Lehmann (1985), Langacker (1990).

Neste trabalho vamos testar o princípio da iconicidade nos textos do profeta Gentileza. Veremos como ele constrói um texto lúdico e transgressor a partir de motivações cognitivas e pragmáticas.

3. *A iconicidade*

Em conformidade com a ideia de que discurso e gramática são postos num *contínuo* que leva em consideração o binômio *forma/função*, assumimos o princípio da iconicidade como meio capaz de nos conduzir à investigação de como as formas estão relacionados à função e como esta reflete o propósito discursivo do escritor.

O princípio da iconicidade corresponde à correlação natural e motivada entre forma e função. Entre código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo).

A estrutura linguística reflete a estrutura da experiência, pois revela o funcionamento da mente humana e as propriedades da conceptualização de mundo.

Pensamos que a iconicidade é um processo mais primitivo de representação da realidade. O ícone é produto de um processamento cognitivo mais simples do que o símbolo (seguindo a tipologia de Pierce).

A iconicidade motivaria o início das construções linguísticas, que rumariam em direção à arbitrariedade e abstração.

Para Lima-Hernandez (2006), a primeira linguagem foi de motivação icônica, muito antes do alfabeto fonético. Por exemplo: os hieróglifos são mais icônicos do que a escrita alfabética, pois a semelhança entre o pictórico e o conceito é muito mais transparente.

A língua evoluiu de uma relação icônica para uma relação simbólica com o mundo. Mas a motivação permanece na língua até hoje, pressionando as relações entre forma e função.

O que deve ser sempre levado em consideração é que essa relação simbólica se dá segundo a interpretação da comunidade linguística. Sendo a linguagem um quadro pintado conforme a vontade e a experiência de seus usuários.

A iconicidade nos ajuda a entender que os escritos analisados possuem marcas discursivas criativas motivadas pelo contexto sócio-histórico e pela perspectiva motivada cognitivamente.

O princípio da iconicidade institui-se através de três subprincípios: o da quantidade, da ordenação linear e da integração.

Através desses subprincípios, investigaremos a obra do profeta relacionando forma e função e abriremos caminho para uma discussão sobre a funcionalidade discursiva dos seus escritos.

3.1. Subprincípio da quantidade

Gentileza adota uma postura religiosa e tenta demonstrar aos seus filhos o caminho do bem, da gentileza, do amor e da bondade. Para isso, repete alguns grafemas (formas) para demonstrar a divindade presente na palavra (função) e, assim, diferenciá-la da sua utilização cotidiana.

Nos escritos abaixo temos:

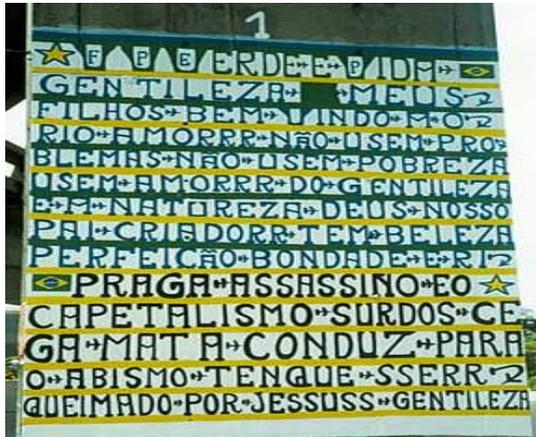


Fig. 1 [Foto copiada digitalmente de GUELMAN (2000)]

1

VVVERDE com três erres é o verde – vida/natureza.

VERDE com um erre é o verde – cor.



Fig. 2 [Foto copiada digitalmente de GUELMAN (2000)]

46:

AMORRR com três erres é amor universal

AMOR, com um erre, amor carnal.

Nessas palavras há uma ampliação do domínio conceitual e consequente ampliação no plano da expressão. Esta repetição representa a oposição cognitiva entre o universal, o espiritual e criativo ao material, cotidiano e rotineiro.

Segundo os pressupostos teóricos fundamentais da LFCU, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa.

Sendo assim, a forma linguística serve às necessidades expressivas do falante.

3.2. Subprincípio da ordenação linear

Quando investigamos o discurso temos de atentar para como o profeta organizou os seus escritos.

A ordenação do texto respeita a ordem dos fatos externos à língua e está ligada ao modo cognitivo de como o falante concebe sua mensagem e atribui graus de importância aos elementos que a constituem.

Os escritos de Gentileza obedecem, em sua maioria, a ordem sintática canônica do português [sujeito+verbo+objeto]. A estrutura mais prototípica é mais direta e eficaz ao considerarmos o propósito discursivo do autor. Isso inferido a partir da hipótese de que o profeta tenta manipular os seus ouvintes/leitores.

Para esse fim, a ordem direta é muito mais fácil de ser apreendida, pois demanda menos esforço cognitivo.

Informações novas são incluídas na posição de objeto, em sua maioria, direto.

A informação mais importante, segundo a conceptualização de mundo, é que determina a ordem e não necessariamente a informação mais previsível. A importância se dá cognitivamente e é refletida a estrutura.

Segundo o subprincípio da ordenação linear a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, ou seja, a ordem dos elementos no enunciado revela a sua ordem de importância para o usuário.

Gentileza deseja que todos “apaguem” de suas atitudes a presença do *capetalismo*. Para tanto, faz uso do *não* inicial, apagando discursiva e cognitivamente o que se tornou rotineiro na vida mundana, negando o fruto do materialismo dos “filhos homens”.

Nesse caso as declarações negativas são muito mais importantes do que as afirmativas. Gentileza só apresenta um sentido considerado correto após negar o errado.

Este jogo entre negações e afirmações está relacionado a um propósito didático que orienta os leitores.

Escritos 43, 44 e 45:



Fig.3



Fig.4



Fig.5

As cláusulas iniciais são marcadas com relação ao prototípico da língua e aparecem em primeiro lugar na cadeia sintática.

Em 43, em primeiro lugar, estão as estruturas marcadas (*NÃO USEM PROBLEMAS NÃO USEM POBREZA* (sic.)) e em seguida aparece a não marcada (*USEM AMOR DO GENTILEZA*).

Entendemos que, por se tratar de um texto com função conativa (que visa modificar as atitudes das pessoas diante ao mundo), o profeta usa esta ordenação por conta da necessidade expressiva.

Cognitivamente “reconhecemos” o erro e depois “mudamos”. Não muito distante de quando um adulto ensina que algo está errado a uma criança, ele diz: “não bata no seu irmão, faça carinho”; “não coloque isso aí, ponha aqui”. Mais um dado que justifica o caráter doutrinário dos textos do profeta e a relação entre o discurso e a gramática.

3.3. Subprincípio da integração

O subprincípio da integração ou proximidade prevê que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação. O que está mentalmente junto, fica sintaticamente junto (GIVÓN, 1984).

Primeiro verificaremos casos de enfraquecimento da cadeia sintática prototípica por conta da integração. Depois passaremos para a análise de aspectos relacionados ao entrelaçamento de orações.

O enfraquecimento da relação sujeito-predicado no plano do conteúdo é refletido na aparente desordenação da forma.

No escrito 26, a inclusão de forma entre o sujeito e o predicado faz com que a concordância seja realizada com o termo mais próximo. A introdução de material de apoio entre o sujeito e verbo enfraquece a integração sujeito-predicado.

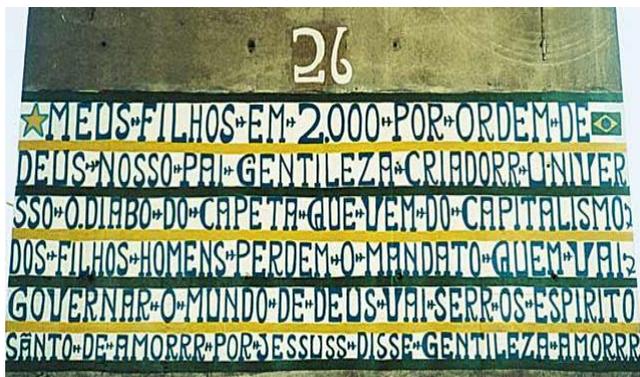


Fig.6

O DIABO DO CAPETA QUE VEM DO CAPITAL DOS FILHOS HOMENS PERDEM O MANDATO

Estruturas que distanciam o sujeito e do verbo dificultam a concordância. Cognitivamente, numa regularidade apreendida, o predicado vem em posição posterior imediata ao sujeito. Por isso, a concordância é feita com o termo mais próximo ao verbo.

Não é só através da falta de concordância que se percebe o sub-princípio da integração, também se pode atestá-lo com um tipo de integração tão compacta que o autor chega a utilizar a mesma estrutura em duas funções gramaticais distintas, tornando duas cláusulas ligadas por um elemento comum.

Este é um tipo não usual de construção de período, em que duas cláusulas são “sobrepostas”.

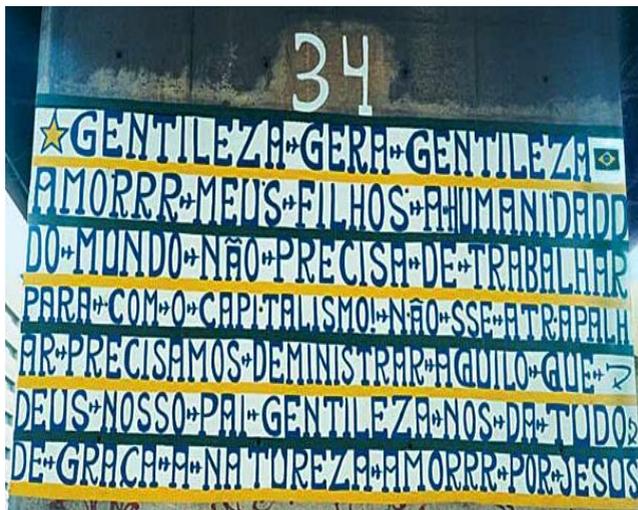


Fig.7

As cláusulas:

PRECISAMOS DEMINISTRAR AQUILO QUE DEUS NOSSO PAI GENTILEZA NOS DA TUDO DE GRAÇA

Não há nenhum tipo de pontuação formal e por isso a entonação dada ao período varia. Dependerá do leitor.

Lendo o escrito em voz alta e continuamente, vemos que há quebra da sequência entre o verbo *DA* e o pronome *TUDO*, obrigando o leitor a separar mentalmente as cláusulas, formando um período complexo e um simples:

PRECISAMOS DEMINISTRAR AQUILO QUE DEUS NOSSO PAI GENTILEZA NOS DA

DEUS NOSSO PAI GENTILEZA NOS DA TUDO DE GRAÇA

A integração que acontece no nível morfossintático também é observada no nível morfofonológico: *TENQUE, NOSDAR, CONTODAS, EO, ODIABO*. Podemos considerar que na fala cotidiana estes elementos já estão incorporados.

Primeiro, teríamos um único contorno entonacional envolvendo os significantes. Segundo, as estruturas constituem uma unidade de informação. (LIMA, 2004)

Gentileza usava aviões que marcavam o espaço entre as estruturas. Logo, por que em algumas isso não ocorre?

Como parâmetro, usamos o exemplo de Oliveira e Votre (2012) sobre a trajetória da expressão evidencial *dizem que > diz que > dizque*. Há uma motivação pragmática no que tange o propósito discursivo, há uma motivação cognitiva e um reflexo no nível morfofonológico.

Em Gentileza, *TENQUE* aparece junto e *TEMOS QUE* separado. Por quê?

A massa fônica de [*tem+que*] se aproximaram tanto que acabam formando uma nova estrutura, ao contrário de [*temos+que*], que é mais pesado e com mais massa entre o radical do verbo e *que*.

TENQUE é um *chunking* (BYBEEE, 2010) como um dia foi a palavra *embora*. A integração já ocorreu na fala e começa a aparecer na escrita.

4. Conclusões

A relação entre domínio cognitivo e necessidades comunicativas é fator determinante para a produção discursiva. Essa relação é mais abstrata, mais geral e mais autônoma, que, quando é aplicada ao texto em

análise, passa a assumir traços mais concretos, específicos e independentes.

Verificamos que há motivações exteriores ao sistema que direcionam o discurso segundo os propósitos pragmáticos do profeta Gentileza.

Testamos a “vinculação mais estreita entre as dimensões discursiva e gramatical” (OLIVEIRA & VOTRE, 2009, p. 98) na análise dos usos do profeta. Constatamos que a forma linguística serve às necessidades expressivas do falante/escritor.

Pelo subprincípio da quantidade, verificamos que a forma aumenta se o conteúdo informacional aumentar.

O subprincípio da ordenação linear justifica o caráter doutrinário dos textos do profeta e a relação entre contexto e organização do discurso.

O subprincípio da integração orienta reflexões sobre a correlação entre pensamento e a estrutura da língua.

Para nós, há uma organização dos enunciados passível de análise linguística. Essa suposição negará a hipótese de caos discursivo que frequentemente vem sendo atribuída aos textos em análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.

CUNHA, Maria Angélica Fortunado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1995.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*, vol. I. New York: Academic Press, 1984.

GUELMAN, Leonardo Caravana. *Brasil: tempo de Gentileza*. Niterói: Eduff, 2000.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.

LANGACKER, R. W. *Concept, image and symbol: The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 1990.

LEHMAN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J. THOMPSON, S. A. (Eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 181-225.

LIMA, Ana. Funções textual-discursivas das “orações adverbiais” sem matiz. In: *VEREDAS – Rev. Est. Ling.*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1 e 2, p. 53-62, jan./dez. 2004. Disponível em <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap04.pdf>>. Acesso em 12-03-2014.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. O princípio da iconicidade e sua atuação no português do Brasil. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 8, 2006. Disponível em <<http://revistas.usp.br/flp/about>> Acesso em: 11-10-2013.

MARTELOTTA, Mário. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, Edson Rosa de. (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; Votre, Sebastião J. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. In: *Construção da gramática*. Niterói: UFF, 2012, e na revista *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009, p. 97-114. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga24/arqs/matraga24a04.pdf>>

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Toward a Coherent Account of Grammatical Constructionalization*. Draft for a volume on historical construction grammar edited by Elena Smirnova, Jóhanna Barðdal, Spike Gildea, and Lotte Sommerer. March 2nd, 2012.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.